

EXPANSÃO Weekend

ESTILO
TENDÊNCIAS
CULTURA

DÉLIO JASSE

“A arte permite dinamizar muitos sectores e criar postos de trabalho”

Délio Jasse, nome conhecido no mundo da fotografia, expõe na galeria Jahmek, fotografias antigas que ganham nova vida. Para ele, a cultura e a economia andam juntas. O seu trabalho que melhor descreve a situação económica é “Cidade em movimento”, que retrata os efeitos da crise do petróleo na cidade de Luanda, em particular.

Mirene da Cruz

Como define a exposição “Nova Lisboa” que estará patente, a partir de 6 de Setembro, na Jahmek Contemporary?

Esta exposição é a construção de um arquivo. “Nova Lisboa” consta de uma série de fotos de anónimos encontradas na Feira da Ladrão, em Lisboa. Todas as fotos foram tiradas na Província do Huambo, mas parecem tiradas num lugar qualquer da Europa.

O que procura transmitir nos seus trabalhos?

Nas minhas obras, quero transmitir a relação entre o tempo e a memória. Quero que o espectador tenha a possibilidade de questionar a sua própria relação com o passado e o presente.

O que os processos de impressão alternativos cianótipo, platinum/palladium e a Van Dyke brown têm que o fascinou e passou a usar nos seus trabalhos?

Graças aos vários processos fotográficos analógicos (tal como a Van Dyke brown ou cianótipo) consigo dar uma nova identidade às imagens. Foi o aspecto destas técnicas que mais me fascinou, a possibilidade de utilizar a luz para dar novos sentidos às imagens, além da presença das pessoas ou dos objectos retratados.

O interesse pela fotografia continua o mesmo?

Cada vez mais tenho pouco interesse em fotografar. Hoje em dia, a fotografia tornou-se muito banal e com pouco significado. Prefiro usar imagens já existentes e descobrir novas histórias por detrás delas. Dá-me enorme prazer reutilizar fotos alheias.

Como foi a experiência de participar, por duas vezes, nos encontros fotográficos de Bamako, no Mali (2017 e 2011)?

A Bienal dos Encontros de Bamako é uma das mais antigas bienais de fotografia em África. Foi um prazer e uma honra expor ao lado de grandes mestres da fotografia africana e de novos talentos artísticos do continente.

Tem algum lugar de sonho onde gostasse de expor?



Gostaria de expor na Tate Modern, em Londres.

E, em Angola, já expôs noutras províncias ou só em Luanda? Se não, em que província gostaria de expor? Em Angola, só expus em Luanda, mas gostaria de expor também fora da capital, talvez na província do Huambo.

Vive em Milão e tem trabalhos em vários países. Como concilia o seu trabalho com esta rotatividade?

Desde que estou em Milão, as minhas deslocações e as das obras tornaram-se muito mais simples e rápidas.

É possível mudar o contexto económico que se vive actualmente em Angola com o recurso à arte? Como?

Acho que a arte representa um contributo fundamental para a economia, não só em termos puramente económicos, mas também de um ponto de vista mais abrangente. A criação de novas obras e

de novos locais de exposição permite dinamizar muitos sectores, criando novos postos de trabalho. E a arte oferece novos pontos de vista e pistas de reflexão.

Qual dos seus trabalhos descreve melhor a situação económica do País?

É a “Cidade em movimento”. Esta série explora o efeito que a crise do petróleo teve sobre a cidade de Luanda, os seus edifícios e os seus habitantes.

A cultura anda a reboque da economia ou o inverso é possível em Angola?

Acho que a economia e a cultura estão interligadas, uma puxa a outra.

A crise tem interferido no seu trabalho, como artista plástico? De que forma?

Não interferiu com o meu trabalho em si, mas com o contexto à volta: há menos pessoas a comprar obras de arte, há menos dinheiro para a produção de obras. Tornou-se mais complicado viver só de arte.

Huambo e Tate Modern, lugares onde Délio quer expor

A viver e a trabalhar em Milão, Délio Jasse gosta de andar de bicicleta nos tempos livres. Sabe cozinhar alguns pratos de peixe, mas é de moamba que gosta, acompanhada de vinho. Aos 38 anos, tem no título “A câmara clara”, de Roland Barthes o seu livro preferido. O seu primeiro contacto com o mundo da fotografia, a nível profissional, foi aos 18 anos. Na altura, vivia em Lisboa e começou a colaborar com vários ateliers de serigrafia. Aos poucos, foi-se envolvendo com as diferentes técnicas de impressão e o interesse pela fotografia

foi amadurecendo. Jasse junta imagens que encontra a traços de vidas passadas (passaportes, álbuns de família) para realizar ligações entre a fotografia – nomeadamente o conceito da “imagem latente” – e a memória. Depois de expor várias vezes em Luanda, Délio gostava de ter os seus quadros expostos em alguns pontos da província do Huambo. Outro destino de eleição é a Tate Modern, em Londres, no Reino Unido. Um sonho que mantém sob o seu foco.